

Editorial Dossiê “A itinerância na divulgação científica”

Jessica Norberto Rocha

jessicanorberto@yahoo.com.br

orcid.org/0000-0002-9754-3874

Fundação Cecierj, Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Willian Vieira de Abreu

wabreu@coppe.ufrj.br

orcid.org/0000-0002-6685-2754

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Em carretas, caminhões e até malas (!), a divulgação científica e o ensino de ciências têm viajado para fora dos muros dos museus e das instituições de ensino e pesquisa do país.

A circulação de exposições e atividades educativas não é uma ideia recente. Na Europa e Estados Unidos, acontece desde os primórdios dos museus no século XIX. No Brasil, a itinerância foi feita de forma tímida pelos primeiros museus do território, em especial, pelo Museu Nacional, por meio do seu setor educativo. Neste museu, tivemos o empréstimo de materiais educativos e de coleções didáticas a partir de 1930 e ganhou incentivo em 1959 com uma proposta organizada por Solon Leontsinis – até então pouquíssimo documentada e pesquisada. Seu trabalho é analisado no texto de Costa deste dossiê, trazendo informações inéditas e uma grande contribuição para a área de museologia, educação museal e educação em ciências.

Nos anos de 1960 e 1970, temos registros daquele que consideramos ser um dos primeiros museus de ciências itinerante, sobre rodas, do país: o Museu Itinerante José Hidasí, que percorreu o centro-oeste e interior de Minas Gerais com coleções de história natural do cerrado organizadas e geridas pelo seu fundador José Hidasí. A produção deste dossiê em 2021 tristemente foi marcada por coincidir com o falecimento, em 19 de julho de 2021, aos 95 anos, desse naturalista que em muito contribuiu para nossa história de popularização da ciência no interior do país.

Nas primeiras duas décadas dos anos 2000, tivemos uma expansão da itinerância no país. Inicialmente, foi incentivada por políticas de popularização da ciência do então Ministério de Ciência e Tecnologia e, conseqüentemente, de governos estaduais e municipais, por meio de editais de apoio financeiro. Posteriormente, com a extinção do Departamento de Popularização e Difusão de Ciência e Tecnologia (DEPDI) da Secretaria de Ciência e Tecnologia para Inclusão Social (SECIS) desse Ministério em outubro de 2016 e diante do contínuo desmonte e cortes em fontes de financiamento de ações de ciência, cultura e educação, a itinerância continua sendo realizada com muito esforço e dificuldade com o restante dos recursos oriundos dos editais daquela época, com apoio e empenho das universidades e instituições de pesquisa (que também já se encontram em seus limites drásticos) e com a garra dos seus gestores e profissionais.

Sair dos muros institucionais é uma poderosa ferramenta de se alcançar novos e diversificados públicos e favorecer a democratização do acesso ao conhecimento científico e as experiências de divulgação da ciência. Apesar de capilarizada e já desenvolvida por diversas instituições no Brasil e América Latina, observávamos que ainda eram poucos os estudos publicados que visam mapear, analisar e

aprofundar as práticas de divulgação da ciência de forma itinerante, bem como seu potencial de promover a educação científica.

Ao propor este dossiê à Revista ACTIO: Docência em Ciências buscamos explorar esse *gap* e trazer aqueles profissionais – pesquisadores, divulgadores da ciência, professores, educadores etc. – que atuam e pesquisam o tema para produzir, registrar e documentar o que eles e suas instituições vem realizando ou já realizaram a fim de refletir e discutir sobre os avanços e os desafios. Consideramos que tivemos uma ótima adesão à proposta ao recebermos um pouco mais de 40 manuscritos, oriundos não só do Brasil, mas também de um país vizinho e um europeu (Argentina e Espanha). No entanto, nem todas as propostas puderam seguir, uma vez que estavam baseadas primordialmente no relato de experiência e ainda necessitavam de aprofundamento investigativo e teórico.

Tivemos, então, 19 artigos aprovados, provenientes de oito distintos estados (AL, BA, ES, MG, PE, PR, RJ e SP), representando, assim, três regiões do Brasil: sudeste (15), nordeste (3) e sul (1). Dentre os estados destacamos a grande concentração de autores no Rio de Janeiro, com 11 artigos cujas autoras e autores representam instituições como a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ de Nilópolis), Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), Museu de Ciências da Terra (MCTer), Museu Nacional (UFRJ), Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) e Instituto Mar Adentro. Dois artigos vieram de São Paulo provenientes de três distintas instituições: Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Universidade Federal do ABC (UFABC) e Universidade Cruzeiro do Sul. Outros seis estados contribuíram com um artigo cada: Espírito Santo (Universidade Federal do Espírito Santo), Minas Gerais (Universidade Federal do Triângulo Mineiro), Alagoas (Universidade Federal de Alagoas), Pernambuco (Universidade Federal de Pernambuco), Bahia (Universidade Federal do Oeste da Bahia) e Paraná (Universidade Estadual de Maringá). Essas informações nos revelam que ainda precisamos expandir geograficamente a produção acadêmica sobre o tema.

Ao todo, são 56 diferentes autores, sendo 34 mulheres e 23 homens. Em relação a primeira autoria a presença de mulheres fica ainda mais acentuada: 13 mulheres e seis homens. Assim como a presença das mulheres é marcante, as universidades, instituições de pesquisa e museus de ciências sobressaíram, mostrando seu importante papel na popularização da ciência. Sete artigos estudaram ou abordaram iniciativas originárias de extensão universitária (das universidades UNIFESP, UFOB, UFTM, UFRJ, UFF, UFAL e UFABC). Quanto à forma de itinerar, quatro artigos abordavam museus ou centros de ciências itinerantes que têm seu próprio veículo para viajar: Ciência Móvel da Fiocruz, Caminhão da Ciência da UFOB, Programa Ciência Móvel do Espaço Ciência de Pernambuco e Instituto Mar Adentro em parceria com o Museu Nacional. Outros dependem ainda de veículos emprestados as instituições aos quais são vinculados, ou transporte fornecido pelo local que irá receber a ação ou ainda, dos automóveis dos próprios divulgadores da ciência.

Notamos uma gama diversa de temas abordados nessas iniciativas (ciências biológicas e da terra, educação ambiental, física, astronomia, paleontologia, ciência e arte, entre outros), que apresentam maneiras variadas de engajar os públicos, como exposições científicas, oficinas, ações de formação de professores, planetários, teatro científico. Os públicos atingidos se concentraram em grande

parte na comunidade escolar, mas também há registros de atendimento de pessoas que estão no cárcere e das populações das regiões visitadas pelas iniciativas de itinerância. Grande parte dos artigos fazem análise de atividades e iniciativas itinerantes, mas tivemos também um artigo teórico que propõem um framework para estudar museus itinerantes e um que realiza o registro histórico e análise da proposta de itinerância de Solon Leontsinis no Museu Nacional. Os textos tiveram como fonte de dados, além dos documentos institucionais, a experiência, aprendizagem e opinião dos públicos dessas ações (como visitas de crianças ao planetário itinerante da UFTM, e a opinião de professores e gestores das escolas que receberam o Caminhão da Ciência da UFOB), e de profissionais que itineram e/ou gerem ações de itinerância (como é o caso dos textos de Gonzalez, Bevilacqua e Soares que analisam as percepções dos artistas que viajam com o Ciência Móvel da Fiocruz; e de Corte e colaboradores que analisou o potencial transformador das ações de extensão universitária itinerantes por meio da voz dos professores extensionistas da UFES).

O que fica evidente com esse breve panorama é que temos uma temática centrada na prática, nas experiências e avaliações de públicos e profissionais e que ainda temos muito espaço para ser explorado academicamente. É uma discussão com características multi e interdisciplinar e que tem impacto direto na educação, principalmente, de populações que não têm acesso a ações de divulgação científica e museus e centros de ciências. Assim, se destacaram questões sobre inclusão social, responsabilidade social, alfabetização científica e cultura científica. E ainda: que itinerar é complexo – precisa ser planejado a curto e a longo prazos; precisa de fomento; precisa de apoio político e institucional; precisa de redes de contato. Não tem sido simples para os profissionais envolvidos e suas instituições e o financiamento está cada vez mais reduzido. Esses e outros desafios são explicitados nos artigos deste dossiê.

Contudo, também vimos o que muitas vezes não está dado nos textos acadêmicos. Os bastidores dessas jornadas é a paixão, o sonho, o ideal de democratização do conhecimento e de inclusão social, o compromisso com as pessoas e com a educação. Nos 15 anos que temos nos dedicado ao tema – tanto na prática quanto na pesquisa – e durante a produção do dossiê recebemos relatos sobre esses sentimentos dos colegas viajantes ou “caravaneiros” (do Rio de Janeiro ou de Alagoas, porque temos “Caravana da Ciência” nos dois estados). Não há dúvidas que muitas barreiras acontecem a cada viagem e a cada ano, mas também há muita dedicação, consciência social e, especialmente, a recompensa e a felicidade ao ver os olhos brilhando e o entusiasmo de crianças e adultos ao experienciar uma exposição científica ou um planetário pela primeira vez na vida. Possivelmente, esse é o melhor combustível que nos move e nos motiva a percorrer muitos quilômetros e ficar dias fora de casa. Há quem diga, inclusive, que itinerar é um vício! No entanto, não podemos viver somente de paixão e autodoação.

Nosso esforço ao propor e gerir este dossiê foi no sentido de aprofundar teoricamente as discussões e oferecer espaço para que os autores e instituições registrassem seus históricos e analisassem suas ações de itinerância, oferecendo insumos para contribuir e somar com outros programas, preencher uma parte do gap na literatura de itinerância e inspirar novas e continuadas práticas extramuros. Agradecemos à Revista ACTIO e seus colaboradores pela abertura e apoio a nossa

demanda, aos autores (os que tiveram os manuscritos publicados ou não), e aos pareceristas que trabalharam para aprimorar ainda mais os textos.

Nós, editores convidados, também somos fruto do amor pela itinerância. Nosso anseio de prosperar nas estradas da divulgação científica e ensino de ciências itinerante é tão grande quanto o baú de uma carreta e nele carregamos muitos sonhos e expectativas. Esperamos que esse trabalho tenha sido para os autores um momento de parar, respirar e pensar no que estamos fazendo e para onde vamos em um período de intensas turbulências na ciência, educação e política no país. E desejamos ainda mais: que o dossiê seja um catalisador de pesquisas na área e uma ignição para que aqueles que estão nesse caminho se unam em redes de apoio, pesquisa e formação de recursos humanos.

Recebido: 18 ago. 2021

Aprovado: 30 ago. 2021

DOI: 10.3895/actio.v6n2.14699

Como citar:

NORBERTO ROCHA, J.; ABREU, W. V. de. Editorial. **ACTIO**, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 1-4, mai./ago. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.utfrpr.edu.br/actio>>. Acesso em: XXX

Correspondência:

Jessica Norberto Rocha

Fundação Cecierj, Prédio da Central do Brasil, s.n, Praça Cristiano Ottoni, Centro, Rio de Janeiro, Brasil.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

